

# Como Controlar os Acidentes Capitais do Terreno Humano: Identificação de Oportunidades Culturais para a Insurgência

Major Mark J. Broekhuizen, Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA

**O** GENERAL DAVID PETRAEUS disse recentemente: “A essência de toda e qualquer estratégia de contrainsurgência deve se concentrar no fato de que o terreno decisivo é o terreno humano, e não o terreno dominante ou o ponto para a transposição de um rio”<sup>1</sup>. Embora essa assertiva seja obviamente verdadeira, precisamos aprofundar nossa compreensão para identificar a *posição dominante* nesse terreno humano. Somente depois de identificarmos e estabelecermos o controle sobre esse importante terreno humano é que seremos capazes de obter a influência necessária sobre a população para logarmos sucesso nas operações de contrainsurgência.

A insurgência foi descrita como sendo um fenômeno decorrente de “motivo e oportunidade”<sup>2</sup>. Motivos culturais, em particular, podem contribuir para as causas de uma insurgência. A eliminação desses motivos é, com frequência, o objetivo dos treinamentos e das análises culturais adotados pelas Forças Armadas. Contudo, eles também devem levar em consideração as *oportunidades* necessárias para que ocorra a insurgência. Da mesma forma que a análise do terreno físico é utilizada para identificar os acidentes capitais no campo de batalha, uma análise das oportunidades culturais para a insurgência pode ser empregada para identificar “acidentes capitais” do terreno humano. Uma compreensão da cultura operacional pode contribuir para a identificação e o controle dessa *posição dominante no terreno humano*.

Referências ao papel da cultura na contrainsurgência são frequentemente utilizadas no contexto da análise de como as populações são afetadas por operações desse tipo. A lógica comum dessa abordagem é que um contrainsurgente que não entenda a cultura local corre o risco de violar costumes ou tabus durante o cumprimento de sua missão. Como resultado dessa violação, os esforços do contrainsurgente talvez sejam vistos como ilegítimos e causem uma rebelião contra ele<sup>3</sup>. Sem querer, ele provoca novos motivos para a insurgência. Em resposta a essa dinâmica, a análise e o treinamento culturais podem limitar essas violações e reduzir a resistência local.

Embora seja óbvio que a remoção dos motivos desse comportamento tenha seu mérito, identificá-los e eliminá-los talvez seja mais difícil do que simplesmente eliminar a oportunidade para que ele ocorra<sup>4</sup>. Por exemplo, os saques que se seguiram à queda de Bagdá não foram necessariamente fruto de um novo motivo, mas de uma nova oportunidade, possibilitada pela redução na imposição da lei e da ordem. Em geral, é preciso distinguir entre a atividade criminosa ou insurgente que ocorra em resposta a um novo motivo e aquela que é meramente uma reação a uma nova oportunidade.

Considerando que oportunidades são mais facilmente mitigadas do que motivos, nossos treinamentos e análises culturais devem priorizar a sua compreensão em detrimento da compreensão dos motivos culturais, no que diz respeito à insurgência<sup>5</sup>. Como, em geral, os insurgentes são moradores locais,

---

*O Major Mark J. Broekhuizen é oficial de Infantaria e aluno do programa para Oficiais Especialistas na Área de Serviço Exterior. Atualmente, participa de um treinamento de imersão cultural na Indonésia. É bacharel pela Grand Valley State University e mestre em Assuntos*

*de Segurança Nacional pela Naval Postgraduate School. Esteve na Operação Iraqui Freedom por três vezes, destacando-se as oportunidades em que serviu como comandante de companhia e oficial de operações de batalhão.*



Um militar do 501º Regimento de Infantaria Paraquedista observa aldeias no Distrito de Yayakhaill, a partir de uma delegacia afegã, 17 Dez 09.

seus níveis iniciais de compreensão cultural ampliam, sem dúvida alguma, a sua “vantagem em informações”<sup>6</sup>. Uma vez que os recursos limitados restringem o emprego de força para estabelecer o controle da população, tanto pelo contrainsurgente quanto pelo insurgente, ambos precisam identificar estratégias *culturalmente mais efetivas*. Mediante a identificação de oportunidades culturais para a insurgência, o combatente de contrainsurgência pode reduzir a vantagem em informações do insurgente e definir as prioridades dos seus próprios esforços.

Em sua forma mais simples, a insurgência é uma batalha pelo controle da população, entre o insurgente e o contrainsurgente (também denominado como “Estado”, neste artigo)<sup>7</sup>. O controle da população permite ao Estado superar sua desvantagem em informações. O mesmo controle, pelos insurgentes, permite-lhes superar sua desvantagem em efetivo<sup>8</sup>.

Os Estados nem sempre são capazes de alcançar e controlar integralmente as suas populações,

mesmo que não haja uma insurgência<sup>9</sup>. Eles podem ter dificuldade em conservar o monopólio de uso da violência e serem incapazes de remover líderes locais que atuem sob regras diferentes das suas<sup>10</sup>. A fraqueza do Estado oferece a oportunidade para a resistência ou a insurgência. Então, podemos assumir, logicamente, que todo elemento da população, que não esteja sob o controle do Estado, representa uma *oportunidade cultural* para o insurgente. O contrainsurgente precisa entender como um insurgente pode explorar esse espaço cultural disponível e negar-lhe essa oportunidade.

Para sobreviver e vencer, as insurgências precisam de diversos “insumos”: recrutas, material bélico, alimentos, etc.<sup>11</sup> A busca por esses insumos pode assumir numerosas formas, culturalmente específicas. Os insumos da insurgência são fruto de oportunidades permitidas pelo contrainsurgente ou pelo ambiente estrutural, podendo ser obtidos dentro ou fora da área de conflito<sup>12</sup>. Em alguns casos,

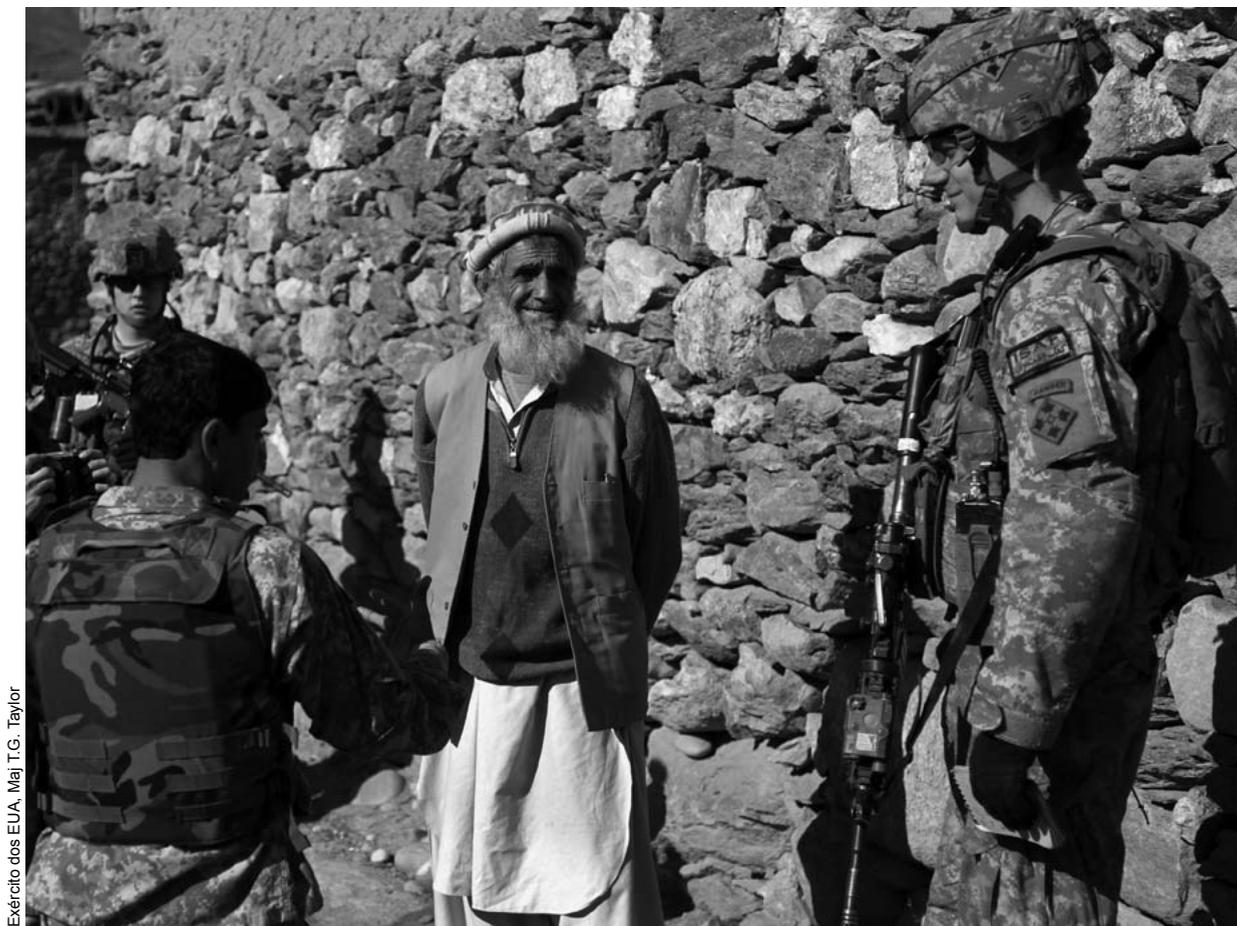
o ambiente pode simplesmente não permitir que o contrainsurgente restrinja todos os insumos do insurgente. Um exemplo disso é a disponibilidade de refúgios para os insurgentes além das fronteiras nacionais. Entretanto, se o contrainsurgente entender e controlar as oportunidades culturais dentro do país, o insurgente que busca a segurança em um refúgio além da fronteira pode acabar constatando que está se tornando irrelevante.

Os “produtos” da insurgência são tão importantes para seu crescimento quanto seus insumos<sup>13</sup>. Os produtos podem ser atividades destinadas à obtenção de novos insumos (recrutas, renda tributária, etc.) ou ao ataque da capacidade do Estado em manter o controle sobre a população, gerando, assim, novas oportunidades para o crescimento. Como os insumos, também os produtos assumem formas culturalmente específicas. Um exemplo é o

bombardeio da mesquita de al-Askari pela Al-Qaeda, em Samarra, no Iraque, em fevereiro de 2006. Esse “produto” diminuiu o monopólio do Estado sobre o uso da força ao aumentar a luta entre facções. Os insurgentes não tinham como alvo um elemento físico ou simbólico do Estado, mas miravam indiretamente a capacidade estatal (e das Forças da coalizão) de manter o controle sobre a população por meio de uma oportunidade culturalmente específica. A resultante redução do controle estatal sobre a população permitiu à Al-Qaeda uma oportunidade maior de recrutar e crescer.

### Um Mapa para o Terreno Humano

Toda discussão de um tema tão opaco quanto a cultura deve incluir definições dos termos-chave. Embora tais definições possam ser objeto de grande debate, o Centro de Aprendizagem



Exército dos EUA, Maj T.G. Taylor

Com a ajuda de um intérprete, um Tenente do Exército dos EUA conversa com um afegão, durante uma patrulha pela aldeia de Kandigal, no Afeganistão, 15 Dez 09.

de Cultura Operacional Avançada do Corpo de Fuzileiros Navais (*Marine Corps Center for Advanced Operational Culture Learning*) dos EUA fornece as definições necessárias para este artigo. O centro define “cultura” como “a visão de mundo e as estruturas sociais compartilhadas por um grupo de pessoas, que influenciam as ações e as escolhas de uma pessoa ou do grupo”<sup>14</sup>. De maior interesse para o contrainsurgente é a “cultura operacional”, que o centro define como “os aspectos da cultura que influenciam o resultado de uma operação militar e, de modo inverso, as ações militares que influenciam a cultura de uma área de operações”<sup>15</sup>. O centro complementa essa definição com a identificação de cinco dimensões principais da cultura operacional: “o ambiente físico, a economia, a estrutura social, a estrutura política e os sistemas de crença”<sup>16</sup>. Essas cinco dimensões oferecem um modelo eficaz para a identificação de oportunidades culturais de insumos e produtos para o insurgente.

### Ambiente Físico

Todas as insurgências precisam de um ambiente físico favorável para crescer e sobreviver. O ambiente físico engloba elementos como comida, água, abrigo, terreno, clima, combustível e energia<sup>17</sup>. Nem o Estado nem o insurgente podem controlar todos esses elementos. Portanto, o Estado deve tentar controlar aqueles insumos ambientais sem os quais o insurgente não pode sobreviver. Por exemplo, durante a Emergência Malaia, o Partido Comunista da Malásia contou com insumos de arroz dos “posseiros” chineses para sua subsistência na selva<sup>18</sup>. Em reação a isso, os britânicos impuseram controles rigorosos sobre o arroz, obtendo o efeito de “subjugar os guerrilheiros pela fome”<sup>19</sup>.

O terreno em si pode ser o elemento mais difícil de controlar no ambiente físico, já que os insurgentes podem, em geral, retirar-se para terrenos de difícil acesso, nas montanhas, deserto ou selva. Contudo, também pode ser o mais insignificante, uma vez que os insurgentes precisam de acesso à população. Como demonstraram os britânicos na Malásia, manter o foco nas pessoas e controlar o acesso a elas são preocupações mais importantes do que controlar o terreno.

### Economia

O Estado, muitas vezes, não possui a capacidade ou a vontade de controlar todos os elementos de sua economia, o que resulta em uma “economia informal”, que inclui bens e serviços ilícitos e não regulamentados<sup>20</sup>. Por definição, o Estado não tem controle sobre a economia informal, o que apresenta uma oportunidade cultural para o insurgente. Primeiro, porque aí ele obtém o dinheiro necessário. Segundo, porque o controle dos insurgentes sobre a economia informal pode deteriorar o setor formal, um “produto” que prejudica ainda mais esse elemento de controle estatal<sup>21</sup>. Os insurgentes podem explorar oportunidades culturalmente específicas dentro da economia informal, como as redes de *hawala* para a transferência e o recebimento de verbas de fontes externas<sup>22</sup>. Os insurgentes no Iraque foram capazes de obter lucro considerável com a venda de combustível no mercado paralelo, já que controlavam grande parte das rotas de distribuição<sup>23</sup>.

Identificar oportunidades econômicas para os insurgentes pode ser algo desafiador. Em algumas culturas, a corrupção e o suborno são uma “forma aceitável de se fazer negócio”<sup>24</sup>. Embora possam representar uma fonte de renda para os insurgentes, essas transações ilegais também são muitas vezes confundidas com formas de patrocínio culturalmente aceitáveis. Em muitos casos, o contrainsurgente pode confundir um apoio financeiro legítimo com o comportamento criminoso ou rebelde, identificando um “patrocinador” como sendo um insurgente, por equívoco. Como este pode deter poder social ou político, erros dessa natureza podem criar novas oportunidades culturais a serem exploradas pelos insurgentes.

Os insurgentes também buscam produtos destinados a explorar oportunidades econômicas, como o sequestro de cidadãos ricos. Essas ações, ao mesmo tempo em que demonstram a incapacidade do Estado de proteger as vítimas, também permitem que o insurgente obtenha insumos com o pagamento do resgate<sup>25</sup>. Caso conduzam as mesmas operações contra integrantes da infraestrutura de controle estatal (como a polícia, por exemplo), podem abrir ainda mais espaço para o crescimento. Os insurgentes também podem arrecadar recursos com serviços de “proteção”<sup>26</sup>. Eles não só

obtem renda com isso, como essa “proteção” se torna um produto que efetivamente substitui o monopólio estatal sobre o uso legítimo da violência<sup>27</sup>. Serve como mais uma medida pela qual os insurgentes suplantam o Estado. Ao entender as oportunidades econômicas, o contrainsurgente pode concentrar seus esforços

---

***Em muitos casos, o contrainsurgente pode confundir um apoio financeiro legítimo com o comportamento criminoso ou rebelde, identificando um “patrocinador” como sendo um insurgente, por equívoco.***

em controlá-las e, assim, obrigar o insurgente a utilizar métodos mais impopulares para obter recursos financeiros do povo. Isso prejudica o apoio popular à insurgência, podendo servir como uma nova motivação para apoiar o Estado.

### **Estruturas Sociais**

As estruturas sociais também oferecem oportunidades culturais para o Estado e para o insurgente. As estruturas sociais são um “conjunto de relacionamentos ou ligações organizadas entre pessoas”<sup>28</sup>. Esses relacionamentos podem girar em torno de características como idade, gênero, tribo, classe, etnia e religião<sup>29</sup>. Na Malásia, os britânicos entenderam que a insurgência estava concentrada em um grupo sub-étnico de chineses e foram capazes de visá-lo. Nos anos 90, Saddam Hussein reconheceu a autoridade limitada dos xeques tribais e explorou a filiação tribal para fortalecer seu controle social<sup>30</sup>. Durante a Operação *Iraqi Freedom*, o gênero desempenhou um papel importante na seleção de estruturas sociais a serem controladas. Especificamente, as Forças da coalizão se concentraram em jovens do sexo masculino, enquanto restrições culturais impediam um contato significativo ou a revista

de iraquianas por homens. As mulheres que não eram revistadas representaram uma grande oportunidade para os insurgentes, até que foram estabelecidas medidas culturalmente aceitáveis para eliminá-la.

O contrainsurgente deve reconhecer que certos grupos representam oportunidades ao insurgente e, então, priorizar os esforços para ajudá-los a resistir a caírem sob seu controle. Considerando a desvantagem do contrainsurgente em informações, esse tipo de conhecimento cultural é essencial. Assim como quando se elaboram “perfis criminosos” para a identificação de suspeitos, a compreensão de estruturas sociais habilita o contrainsurgente a visar elementos específicos da população de forma mais efetiva. A importância da idade e do gênero é evidente, quando se considera que a população de jovens do sexo masculino é, com frequência, o alvo dos esforços de recrutamento dos insurgentes. Os grupos religiosos também podem se tornar alvos. Por exemplo, embora a maioria dos muçulmanos salafistas não seja extremista, muitos islamitas extremistas são salafistas, uma associação que lhes confere ainda mais uma oportunidade cultural a explorar<sup>31</sup>.

Um exemplo de oportunidade na estrutura social para o contrainsurgente são os recentes esforços de parceria com as tribos sunitas para combater a Al-Qaeda no Iraque. O êxito dessa aliança demonstra um foco eficaz em um grupo social para obter apoio para a contrainsurgência. Dessa forma, as estruturas sociais podem apresentar oportunidades culturais tanto para o Estado quanto para o insurgente aumentar o controle sobre a população.

### **Estruturas Políticas**

As estruturas políticas também proporcionam oportunidades culturais. As estruturas políticas são “a forma como o poder e a liderança são conferidos às pessoas e por elas exercidos, segundo a estrutura social de uma sociedade”<sup>32</sup>. Os Estados são, com frequência, incapazes de consolidar o poder político na sociedade, deixando uma lacuna que pode ser preenchida por um grupo insurgente. Isso ficou evidente no Iraque. Depois da remoção do Partido Baath, surgiram novos detentores de poder político, alguns apoiando o Estado e outros,

não. Esses detentores de poder político podem ser chefes tribais, empresários, sindicatos ou líderes religiosos. A identificação e a cooptação dos detentores de poder político não estatal constituem uma abordagem de contrainsurgência comprovada. Por exemplo, ao lutarem pelo controle das Filipinas no início do século XX, os líderes estadunidenses executaram uma política de “assimilação benévola”, disponibilizando “oportunidades de poder político bem maiores para as elites”<sup>33</sup>. Contudo, o contrainsurgente deve ser cauteloso caso o apoio a detentores de poder não estatal inclua os líderes de milícias ou potentados locais. Esses líderes locais com capacidades militares podem, na verdade, acabar concorrendo com o Estado ou com outros grupos pelo poder<sup>34</sup>.

### Sistemas de Crença

Os sistemas de crença de uma cultura incluem a história, a memória imaginada, o folclore, os ícones, os símbolos e a comunicação, os rituais, as normas, os costumes e tabus e as

crenças religiosas<sup>35</sup>. Os sistemas de crença têm importância, e o contrainsurgente deve entender sua influência. Por exemplo, os “intocáveis” hindus tinham sérios motivos para a rebelião, por estarem no nível mais baixo do sistema de castas indiano, mas geralmente não o faziam porque seus valores estavam em harmonia com seus ambientes<sup>36</sup>.

Se a política do contrainsurgente não estiver de acordo com os sistemas de crença da população, o desequilíbrio proporciona uma oportunidade cultural para o insurgente, mesmo que a política em questão também faça parte do planejamento deste. O insurgente transforma o desequilíbrio no *motivo* do qual ele também necessita para recrutar.

As oportunidades constantes dos sistemas de crença também podem ser convertidas em insumos e produtos para a insurgência. Por exemplo, os insurgentes podem tentar utilizar a memória e o folclore. Considere o grupo insurgente sunita que adotou o nome de “Brigada Revolucionária 1920”, em uma tentativa de adquirir legitimidade,



CFN dos EUA, Sgt Parra-Milks

*Com a ajuda de uma intérprete, uma analista de pesquisa da equipe de terreno humano conversa com cidadãos afegãos durante uma atividade de assistência médica na Província de Helmand, no Afeganistão, 4 Feb 10.*

tirando proveito da popularidade da rebelião de 1920 contra os britânicos. Entretanto, com a compreensão cultural, o contrainsurgente pode estabelecer o controle sobre as oportunidades oferecidas pelo sistema de crença, antes que o insurgente possa explorá-las. Ao prometer a independência na Malásia, os britânicos negaram aos comunistas a oportunidade de explorar crenças anticolonialistas<sup>37</sup>. A Al-Qaeda no Iraque tentou explorar as oportunidades do sistema de crença ao alegar que era dever dos muçulmanos lutar contra as Forças da coalizão, enquanto os contrainsurgentes fizeram o mesmo ao afirmar que era uma obrigação tribal combater a Al-Qaeda no Iraque. Algumas circunstâncias simplesmente impedem que os esforços dos contrainsurgentes sejam completamente compatíveis com os sistemas de crença existentes. Esse pode ser o caso de uma Força de ocupação estrangeira que não possa superar a percepção de que sua presença se deve apenas à ingerência indevida de um terceiro país. Uma insurgência bem-sucedida irá tirar partido disso e explorar uma oportunidade do sistema de crença à qual nem o Estado nem a Força de contrainsurgência estrangeira poderão se opor sem que arrisquem o próprio poder<sup>38</sup>.

## Tornando os Motivos Irrelevantes

Os insurgentes tiram vantagem de inúmeros motivos para buscar maior controle sobre seus ambientes, obter ganhos financeiros, adquirir poder social ou político ou agir de acordo com suas crenças. Embora esses motivos sejam necessários, eles não são suficientes para a insurgência. Uma estratégia eficaz de contrainsurgência buscará reduzir esses motivos para a insurgência, mas tentar enfrentá-los sem o controle sobre a população resultará apenas em mais oportunidades a serem exploradas pelos insurgentes.

A existência de uma insurgência, por si só, indica que o Estado é fraco e que há um espaço político a ser explorado. O principal objetivo do contrainsurgente deve ser identificar e estabelecer controle sobre esse espaço, sem incitar a resistência popular. É possível tornar esses motivos irrelevantes no curto prazo, pela eliminação ou limitação das oportunidades disponíveis aos insurgentes. Entender as oportunidades culturais para a insurgência deve ser, então, o foco principal do treinamento cultural e um requisito-chave para o planejamento de operações de contrainsurgência. **MR**

## REFERÊNCIAS

- PETRAEUS, Gen David H. "Afghanistan is Hard All the Time, But It's Doable", *The Times*, 18 set. 2009.
- MCCORMICK, Gordon H. "Seminar in Guerrilla Warfare" (SO3802), *Department of Defense Analysis*, Naval Postgraduate School, Monterey, CA (27 jan. 2009).
- HEADQUARTERS, Department of the Army, *FM 3-24 Counterinsurgency* (Washington, DC: U.S. Government Printing Office, 2006), p. 1-10.
- SALMONI, Barak A.; HOLMES-EBER, Paula. *Operational Culture for the Warfighter: Principles and Applications* (Quantico, VA: Marine Corps University Press, 2008), p. 192.
- LEITES, Nathan; WOLF JR., Charles. *Rebellion and Authority: An Analytic Essay on Insurgent Conflicts* (Chicago: Markham Publishing Company, 1970), p. 42.
- Ibid.*, p. 45.
- MCCORMICK, Gordon H.; HORTON, Steven B.; HARRISON, Lauren A. "Things Fall Apart: The Endgame Dynamics of Internal Wars", *Third World Quarterly* 28, no. 2 (2007): p. 328.
- Ibid.*, p. 322.
- MCCORMICK, "Seminar in Guerrilla Warfare" (19 fev. 2009).
- MIGDAL, Joel S. *Strong Societies and Weak States: State-Society Relations and State Capabilities in the Third World* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1988), p. 18.
- Ibid.*, p. 40.
- LEITES; WOLF, p. 32.
- Ibid.*, p. 32.
- Ibid.*, p. 53.
- SALMONI; HOLMES-EBER, p. 36.
- Ibid.*, p. 15.
- Ibid.*, p. 51-52.
- SALMONI; HOLMES-EBER, p. 55-69.
- KOMER, Robert W. *The Malayan Emergency in Retrospect: Organization of a Successful Counterinsurgency Effort* (Santa Monica, CA: RAND Corporation, 1972), p. 8.
- Ibid.*, p. 51.
- SALMONI; HOLMES-EBER, p. 76.
- LOONEY, Robert. "The Business of Insurgency: The Expansion of Iraq's Shadow Economy", *The National Interest*, Fall 2005, p. 1.
- Ibid.*, p. 5.
- Ibid.*, p. 3.
- SALMONI; HOLMES-EBER, p. 78.
- LOONEY, p. 4.
- SALMONI; HOLMES-EBER, p. 81.
- Ibid.*, p. 105.
- Ibid.*, p. 111.
- TRIPP, Charles. *A History of Iraq*, 3d ed. (Cambridge: Cambridge University Press, 2007), p. 260.
- KILCULLEN, David. *The Accidental Guerrilla: Fighting Small Wars in the Midst of a Big One* (New York: Oxford University Press, 2009), p. xix.
- SALMONI; HOLMES-EBER, p. 147.
- HUTCHCROFT, Paul. "Colonial Masters, National Politicos, and Provincial Lords: Central Authority and Local Autonomy in the American Philippines, 1900-1913", *Journal of Asian Studies* 59, 2 (mai. 2000): p. 284.
- MCCORMICK, Gordon H.; FRITZ, Lindsay. "The Logic of Warlord Politics", *Third World Quarterly* 30, no. 1 (2009): p. 82.
- SALMONI; HOLMES-EBER, p. 167-199.
- JOHNSON, Chalmers A. *Revolutionary Change* (Stanford: Stanford University Press, 1982), p. 66.
- KOMER, p. 64.
- GALULA, David. *Counterinsurgency Warfare: Theory and Practice* (Westport, CT: Greenwood Press, 1964), p. 20.